

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS

TIELE DOS SANTOS KAWARLEVSKI

**O QUE AS PALAVRAS REFLETEM:
UMA REPRESENTAÇÃO DO INDÍGENA EM JORNAIS
BRASILEIROS E PARAGUAIOS**

PORTO ALEGRE
2018

TIELE DOS SANTOS KAWARLEVSKI

**O QUE AS PALAVRAS REFLETEM:
UMA REPRESENTAÇÃO DO INDÍGENA EM JORNAIS
BRASILEIROS E PARAGUAIOS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito parcial para obtenção do título de
Bacharel em Letras pela Universidade Federal do
Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Félix Valentín Bugeño
Miranda

PORTO ALEGRE
2018

AGRADECIMENTOS

Dizem que só somos capazes de dar aquilo que temos. Aprendi a discordar um pouco disso. Desde muito cedo, sei que o que meus pais menos tiveram nessa vida foi oportunidade de estudar e, no entanto, nos deram, ao meu irmão e a mim, todo o incentivo que necessitamos para seguir nos estudos.

À dona Laura e ao seu João Carlos, pelo apoio incondicional e pelos ensinamentos. Em outras palavras e às vezes sem palavra alguma, sempre nos mostraram que os filhos dos agricultores podem e devem sonhar em ser doutores. Ainda falta muito chão, mas de onde eu vim só me ensinaram a acreditar e a continuar. Amor e gratidão sem tamanho!

Ao meu irmão Tiago e à minha cunhada Allana, que foram apoiadores e conselheiros neste projeto. E um *plus* de agradecimento ao meu irmão que sempre foi a luz no caminho que observei e, mais tarde, também trilhei.

Ao Diego, marido e companheiro que me acompanhou durante toda a graduação e muito me acalmou nessa jornada, a cada final de semestre e a cada insegurança em relação a qualquer trabalho (especialmente este). Obrigada por me apresentar a calma quando o desespero batia à porta!

Às amigas e amigos que muito me ajudaram e fortaleceram nesses últimos seis anos, enquanto escrevia essas páginas de vida na graduação: Ana Júlia, Diego L., Evandro, Larissa, Luana e Vanessa; às amigas-irmãs Caroline e Suelen; e aos colegas de estágio na UFCSPA. Gratidão!

Ao meu orientador, Prof. Dr. Félix Valentín Bugueño Miranda, por todas as indicações de leitura, de horizonte e de realidade. Cada aula, conversa e exemplo me ensinaram muito; sobre ser aluna e, principalmente, sobre ser profissional.

À esta universidade pública e gratuita, onde encontrei muitos professores, professoras, colegas e livros que ajudaram a me construir e, acima de tudo, me ensinaram que eu posso me desconstruir e reconstruir muitas vezes ao longo da vida. Que muito mais jovens tenham a minha sorte e privilégio!

*Ndashýi chéve umi iñañáva rembiapo
hasý chéve umi imarangatúva ñemboyke.*

Martin Luther King - ohai guaraníme: David Galeano Olivera

[No me duelen los actos de la gente mala,
me duele la indiferencia de la gente buena].

Martin Luther King - tradução em guaraní: David Galeano Olivera

RESUMO

Neste trabalho investiga-se a representação dos povos indígenas a partir do léxico utilizado nas notícias dos dois portais informativos mais acessados no Brasil e no Paraguai, publicadas *online*. Dado que no Paraguai, diferentemente do Brasil, há uma língua indígena oficial, o guarani, parte-se da hipótese de que, naquele país, a forma de referir-se a esses povos mude, devido ao seu reconhecimento manifestado na língua. Para conquistar o objetivo proposto, a partir da Metodologia da Linguística de *Corpus*, serão analisados textos jornalísticos brasileiros e paraguaios, nas línguas portuguesa e espanhola. Serão examinadas notícias compiladas do período de janeiro de 2016 a dezembro de 2017. Fazer-se-á uso do programa Antconc, que permite extrair informações linguísticas de forma mais rápida. Será usada, sobretudo, a função *lista de palavras*, que possibilita identificar as unidades lexicais de uso mais frequente. Busca-se, assim, averiguar a representação dos povos indígenas, refletidas pelos periódicos em tais países.

Palavras-chave: léxico, indígenas, periódicos, Brasil, Paraguai.

RESUMEN

Se busca investigar en este trabajo la representación de los indígenas a partir del léxico utilizado en noticias de los periódicos en Brasil y Paraguay publicados en línea. Dado que a diferencia de Brasil hay en Paraguay una lengua indígena oficial, el guaraní, la hipótesis es que en este país cambia la forma de referirse a estos pueblos debido al reconocimiento que se les da a los indígenas, expresado en la lengua. Para alcanzar el objetivo propuesto, a partir de la Lingüística de Corpus, se analizarán textos periodísticos en las lenguas portuguesa y española. Se investigarán noticias recopiladas en el período de enero de 2016 hasta diciembre de 2017. Se hará uso del programa Antconc, que permite extraer información lingüística con agilidad. Se usará principalmente la función “lista de palabras”, que posibilita identificar las palabras más frecuentes. Se busca, así, saber la representación de los pueblos indígenas reflejada por los periódicos en esos países.

Palabras clave: léxico, indígenas, periódicos, Brasil, Paraguay.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: População indígena de 17 países latino-americanos, em torno de 2010	20
Tabela 2: <i>Tokens</i> - ordem decrescente	26
Tabela 3: <i>Types</i> - ordem decrescente	27

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 HUMBOLDT, SAPIR-WHORF E A HIPÓTESE DO RELATIVISMO LINGUÍSTICO	12
3 TODOROV (1991): QUANDO NÃO ENXERGAMOS O <i>OUTRO</i>	15
4 A IMPORTÂNCIA DO GÊNERO NOTÍCIA	18
5 INDÍGENAS LATINO-AMERICANOS NA ATUALIDADE	20
6 METODOLOGIA	24
7 ANÁLISE	26
8 CONCLUSÕES	31
REFERÊNCIAS	33

1 INTRODUÇÃO

A chegada dos espanhóis e portugueses à América provocou o que hoje interpretamos como um profundo encontro de mundos desconhecidos. As maiores dificuldades de entendimento se deram por diferenças de linguagem e de conhecimento de mundo. A forma como os europeus agiram em relação ao seu desconhecimento do mundo indígena é explicada por Todorov (1991) como o resultado de uma idealização do outro, uma projeção de outras civilizações sobre as que aqui encontravam. Já nas primeiras descrições da terra encontrada, percebe-se que Colombo, aparentemente, achava que os indígenas eram praticamente iguais entre eles, de mesma estatura, sem ritos, nem costumes, nem religião próprios.

Embora observasse as semelhanças entre os povos, Colombo não reconhecia neles uma identidade cultural e, por conseguinte, não os admitia como uma civilização. Tratando da “problemática do outro”, Todorov (1991) observa que, ao descrever os indígenas com adjetivos, pouco definidores como *bom* ou *mau*, que falam mais sobre uma situação momentânea e temporal e de uma perspectiva do que sobre os nativos em si, Colombo expõe um baixo interesse em aprofundar seu conhecimento em relação a esses povos. Na afirmação do autor, “Colombo descobriu a América, mas não os americanos” [Colón ha descubierto América, pero no a los americanos] (TODOROV, 1991, p. 57).

Os diários de Colombo relatam o empenho dos nativos em usar sinais como forma de comunicação, mas a História também possui relatos de europeus que se dispuseram a aprender línguas indígenas e a compreender o mundo em que estavam inseridos esses povos. Exemplos disso são o Padre José de Anchieta, no Brasil, e o Frei Luis Bolaños, no Paraguai. Ao perceber que a fluência na língua tupi e guarani os aproximaria dos povos os quais queriam catequizar, dedicaram-se a aprender a língua, cada um em sua respectiva região de alcance, e construíram o que se conhece como as primeiras gramáticas das línguas faladas à época em boa parte do território brasileiro e paraguaio; o fizeram, também, a fim de ajudar os demais padres que se dedicassem a aprendê-las (CORONADO AGUILAR, 2001).

Apesar da intenção pedagógica de Padre Anchieta e Frei Bolaños e do quanto ela representou na tentativa de compreender a visão de mundo dos nativos (RODRIGUES, 1897, p. 5), suas gramáticas e seus dicionários não foram suficientes para que houvesse entendimento entre as civilizações envolvidas. Há duas hipóteses possíveis para explicar essa negativa. Uma delas seria a falta de empenho de alguma ou de ambas as partes; já a outra está relacionada à impossibilidade do registro de todo o uso que se faz da e na língua. De modo geral, as gramáticas e os dicionários foram criados para permitir a intercomunicação e contribuir na

compilação da(s) norma(s) de um idioma, mas nem todo o seu uso poderá constar neles. E isso não ocorre por uma insuficiência de tais dicionários, mas pela impossibilidade de registrar a totalidade de palavras das quais os falantes de uma língua viva fazem uso.

De acordo com a hipótese de Sapir-Whorf (1988 [1956]), uma língua funciona como “lentes” pelas quais vemos o mundo; ou seja, o conhecimento de uma língua ajuda a entender também o pensamento de seus falantes. Esse conceito é conhecido na ciência da linguagem como Princípio do Relativismo Linguístico. O relativismo propõe o reconhecimento de que a existência e o uso de determinadas palavras em uma língua se dá porque tais palavras são importantes ou representativas para os falantes dessa língua e revelam a sua visão de mundo e realidade (BUGUEÑO MIRANDA, 2000, p. 105).

Em um âmbito léxico como o dos sentimentos, por exemplo, que dizem tanto sobre os seres humanos, é provável que duas línguas, quando comparadas, apresentem formas muito diferentes de expressar um mesmo sentimento ou, ainda, que alguma delas não possua uma palavra que, sozinha, expresse exatamente o mesmo significado. Isso pode, em princípio, gerar a percepção de uma distância de grandes proporções entre as culturas, já que os falantes não “vêm” as coisas de modo semelhante:

Não há duas línguas que sejam suficientemente semelhantes para serem consideradas como se representassem a mesma realidade: os mundos nos quais diferentes sociedades vivem são mundos distintos e não apenas o mesmo mundo com rótulos diferentes¹ (Sapir, 1929, p. 214 *apud* Molina Martínez, 2006, p. 21).

Ainda no exemplo dos sentimentos, nem sempre se encontra, na outra língua de estudo, uma palavra que denote precisamente um dado estado afetivo também porque muda a maneira com que as palavras se relacionam entre si em cada idioma. Isso pode fazer parecer que aquele outro a quem se está conhecendo não percebe ou vive os sentimentos da mesma forma, retomando o exemplo citado. No entanto, é provável que a verdadeira diferença entre as línguas seja a não existência de uma palavra que defina tal sentimento. A inexistência dessa palavra também pode revelar a forma de pensar dos falantes de tal idioma, que decidem o que é ou não relevante ser dito ou considerado dentro da língua (BUGUEÑO MIRANDA, 2000, p. 105). Para perceber essa diferença, é preciso “trocar as lentes” pelas quais se enxerga os sentimentos e experiências, observar as opções dadas pela língua analisada e comparar suas definições.

¹ [Not two languages are ever sufficiently similar to be considered as represented the same reality: the worlds in which different societies live are distinct worlds not merely the same world with different labels].

A partir dessa noção de relativismo linguístico e de sua importância para explicar as diferenças entre as possíveis formas de ver o mundo através da palavra, propõe-se analisar a representação contemporânea dos povos indígenas em notícias de dois países latino-americanos: Brasil e Paraguai. O fato de serem vizinhos e contarem com uma numerosa população de indígenas guarani, compartilhando, assim, os idiomas de uma mesma família linguística, tupi-guarani, justifica a escolha de tais países. A análise, no entanto, considerará apenas notícias nos idiomas português brasileiro e espanhol, respectivamente, ainda que, no Paraguai, o guarani também seja um idioma oficial, sendo falado ou ao menos entendido pela grande maioria de seus habitantes.

A opção por compilar textos do gênero notícia se justifica pela sua importância no registro da norma culta de cada língua e por ser o gênero textual jornalístico mais objetivo, de acordo com Baroni et alii (2013, p. 2), uma vez que sua principal função seja informar, sem a necessária emissão de opinião. A análise terá como base dois *corpora* compostos por notícias dos dois portais informativos mais acessados, respectivamente, no Brasil e no Paraguai no período entre janeiro de 2016 e dezembro de 2017.

Este trabalho se divide em seis partes. A primeira, composta por dois capítulos, apresenta a teoria de respaldo histórico e linguístico. A segunda trata da importância do gênero notícia como registro escrito da língua e instrumento de análise desta. A terceira parte faz uma breve apresentação do panorama atual no qual se insere o indígena latino-americano. A quarta apresenta a metodologia de compilação e exploração dos *corpora*. A quinta trata da análise propriamente dita. Por fim, a sexta parte apresenta as conclusões.

2 HUMBOLDT, HIPÓTESE DE SAPIR-WHORF E O PRINCÍPIO DO RELATIVISMO LINGUÍSTICO

Ao iniciar a análise de um ou mais idiomas, é possível optar-se por observar a relação existente entre a linguagem e o pensamento de um povo. Wilhelm Von Humboldt deu uma importante contribuição para a linguística quando trouxe à luz a ideia de que a linguagem revela a visão de mundo de um falante. Humboldt afirma que, somente por meio da linguagem e da ancestralidade, um caráter individual se transforma em um caráter coletivo, o que costumamos reconhecer como cultura: “[...] é apenas na língua que se mostra por completo o caráter, e é nela também, enquanto veículo geral de entendimento do povo, que sucumbem as individualidades particulares, em prol da maior visibilidade do geral” (HEIDERMANN; WEININGER, 2006, p. 3).

A noção de que a linguagem não é um mero meio transmissor do pensamento, mas um elemento que constitui a formação do pensamento de seu falante, contribuiu para diversas conjecturas que se somariam às ideias iniciais do Princípio do Relativismo Linguístico. São hipóteses sobre o efeito cognitivo que a língua materna produz na forma como seu falante vê o mundo. Dentre essas, está a hipótese de Sapir-Whorf, idealizada pelo cientista Edward Sapir e posta em prática por um de seus alunos, Benjamin Lee Whorf. Sapir (1963 *apud* Werner, 1997) defende que, para melhor entender a visão de mundo de uma dada comunidade de pessoas, faz-se necessário entender o idioma nela utilizado, pois este conforma aquela. Além disso, defende que as diferenças linguísticas entre dois idiomas vão além da diferença de nomes, pois representam uma diferença de mundos:

Os seres humanos não vivem só no mundo objetivo... mas estão muito à mercê da linguagem particular que se tornou o meio de expressão de sua sociedade. Os mundos nos quais diferentes sociedades vivem são mundos distintos, não apenas o mesmo mundo com rótulos diferentes² (Sapir, 1963 *apud* Werner, 1997, p. 77).

Essa percepção levou Whorf, discípulo de Sapir, a concluir, após estudos na língua dos indígenas *hopis*, que uma língua funciona como lentes pelas quais o falante observa o mundo e forma seu pensamento. Whorf propôs, a partir disso, o Princípio do Relativismo Linguístico. A

² [Human beings do not live in the objective world alone... but are very much at the mercy of the particular language which has become the medium of expression for their society. The worlds in which different societies live are distinct worlds, not merely the same world with different *labels* attached].

hipótese de Sapir-Whorf tem duas versões. Uma é conhecida como "forte" e a outra como "fraca".

A versão "forte" indica que a língua determina a forma de pensar do seu falante. Essa hipótese é muito questionada, pois não seria facilmente aplicável aos bilíngues. De acordo com Hatim e Mason (1995 [1990] *apud* Molina Martínez, 2006), o fato de que uma pessoa consiga adquirir altos níveis de competência em outras línguas, já é o suficiente para enfraquecer essa versão de forma considerável (MOLINA MARTÍNEZ, 2006, p. 21).

A versão “fraca”, menos radical, afirma que a linguagem não determina a forma de pensar, mas exerce uma forte influência sobre ela. Por ser menos radical, a versão “fraca” é melhor vista por profissionais da linguagem. “As línguas se diferem no modo de perceber e compartimentam a realidade. Esta situação cria problemas graves tanto ao tradutor como a todos os que trabalham com línguas em contato”³ (HATIM E MASON, 1995 [1990], p. 137 *apud* MOLINA MARTÍNEZ, 2006, p. 22).

A hipótese de Sapir-Whorf possui ainda dois enfoques diferentes, o lexical e o gramatical, que representam, basicamente, a distinção do conceito de “linguagem” entre os dois autores. Para Sapir, o léxico tem maior importância em uma análise de linguagem, pois, por trás de cada palavra, não haveria somente uma palavra diferente, mas uma realidade diferente. Já para Whorf, interessa entender a gramática do idioma, ou seja, como funciona em sua totalidade enquanto um sistema regido por padrões (MOLINA MARTÍNEZ, 2006, p. 21).

Em contraposição às ideias de que linguagem e cultura andam juntas, estudos mais recentes associam a linguagem a uma qualidade inata do ser humano. Pinker (2004) discorreu sobre essa perspectiva. Para o autor, a linguagem é ingênita, ou seja, um instinto humano que independe de estímulo ou ensino para aflorar. O autor cita, como exemplo associativo, a capacidade de uma aranha de fazer sua teia. Lembra que uma aranha não necessita de treinamento ou observação para aprender a construir suas teias porque essa capacidade já nasce com ela.

[...] as pessoas sabem falar mais ou menos da mesma maneira que as aranhas sabem tecer teias. A capacidade de tecer teias não foi inventada por alguma aranha genial não reconhecida e não depende de receber a educação adequada ou de ter aptidão para arquitetura ou negócios imobiliários. As aranhas tecem teias porque têm cérebro de aranha, o que as impele a tecer e lhes dá a competência para fazê-lo com sucesso. (PINKER, 2004, p. 9)

³ [Las lenguas difieren en el modo de percibir y compartimentan la realidad. Esta situación crea problemas graves tanto al traductor como a todos los que trabajan con lenguas en contacto].

Diferentemente do que apresenta a Hipótese do Relativismo Linguístico, Pinker (2004) defende que também a linguagem humana independe da vivência em sociedade. Observa, ainda, que os bebês especulam e testam sua fala, antes mesmo de compreender o que os adultos falam em seus intentos de comunicação. Acrescenta também que, ainda que vivêssemos sós, falaríamos em monólogos por um instinto impulsivo e quase automático de usar a fala.

A linguagem está tão intimamente entrelaçada com a experiência humana que é quase impossível imaginar vida sem ela. É muito provável que, se você encontrar duas ou mais pessoas juntas em qualquer parte da Terra, elas logo estarão trocando palavras. Quando as pessoas não têm ninguém com quem conversar, falam sozinhas, com seus cães, até mesmo com suas plantas. (PINKER, 2004, p. 7)

Ainda que haja uma tendência dos estudos recentes em associar a linguagem a uma propriedade inata do ser humano que não precisa ser ensinada, como propõem os estudos de Pinker, o presente trabalho considerará a versão menos radical da Hipótese de Sapir-Whorf, bem como seu enfoque lexical. A razão de tal escolha se justifica na necessidade de explicar, antes da origem da linguagem e seus efeitos, a forma como ela influencia na vida em sociedade e o que representa como um fator de aproximação na forma de pensar de um determinado grupo de pessoas.

Além disso, considerando a proposta deste trabalho, o Princípio do Relativismo Linguístico se aproxima mais a uma possível explicação de porque as escolhas lexicais de uma comunidade de falantes refletem a forma com que tal comunidade entende o mundo que a cerca, uma vez que essas escolhas não se dão por acaso, como mencionado por Bugueño Miranda (2000, p. 105). Posto que se propõe uma análise das palavras usadas em notícias de dois países, cujos idiomas são distintos, considera-se que a hipótese de Sapir-Whorf seja um importante guia teórico para analisar as principais diferenças e semelhanças lexicais.

3 TODOROV (1991): QUANDO NÃO ENXERGAMOS O *OUTRO*

Considerando a versão menos radical e o enfoque lexical da hipótese de Sapir-Whorf, pode-se explicar, em alguns pontos, a complexidade dos primeiros contatos entre europeus e indígenas americanos. Tratava-se de dois povos completamente desconhecidos; os indígenas não tinham qualquer informação sobre a existência dos europeus e os europeus imaginavam ter atingido o objetivo da viagem: chegar às Índias por outro caminho. Nenhum tinha conhecimento do outro em relação aos costumes ou idiomas. As primeiras impressões e impactos desse desconhecimento são explicados por Todorov (1991) como um processo em escala. São graduações de conhecimento e reconhecimento do *outro*.

O primeiro plano dessa escala é o axiológico, ou juízo de valor, quando avaliamos se o *outro* nos parece bom ou mau, se nos agrada ou não, se o consideramos igual ou inferior. Depois, o plano praxiológico, quando se decide entre aproximar-se ou afastar-se do recém apresentado e ainda desconhecido; elege-se também entre legitimar os valores humanos e individuais do *outro* ou impor a ele nossa própria imagem. Por último, está o plano epistêmico, que é a decisão entre conhecer a identidade do *outro* ou ignorá-la (TODOROV, 1991, p. 195).

Todorov (1991) explica que esse processo não é definitivo, ou seja, não necessariamente se passa pelas etapas apenas uma vez. Os três planos podem seguir a ordem em que foram expostos, ou não, e também podem se repetir ao longo da história, de modo que o conhecimento entre indígenas e não indígenas e, especialmente, o reconhecimento de um em relação ao outro, pode variar e sofrer alterações ao longo do tempo. É um processo que não terminou com a descolonização.

Há exemplos em várias passagens das cartas escritas por Cristóvão Colombo, desde a sua primeira visita à terra que imaginava ser as Índias, nos quais se pode identificar que as diferenças entre cada etnia encontrada não são percebidas ou, ainda, são ignoradas. Também o fato de chamar o povo encontrado de *índio*, ainda que seja por acreditar estar nas Índias, sinaliza um apagamento das individualidades de cada comunidade, pois traz a ideia de nacionalidade. Esse comportamento passaria pelo plano praxiológico e pelo plano epistêmico, já que Colombo ignora as particularidades étnicas e, em consequência, bloqueia a possibilidade de conhecer o *outro* à sua frente, porque equivocadamente pensa já conhecê-lo:

Toda a gente se parecia com os outros já mencionados, nas mesmas condições, desnudos e da mesma estatura (17.10.1492). Vieram muitos dessa gente, semelhantes aos outros das outras ilhas, assim desnudos e pintados

(22.10.1492). Esta gente [...] é da mesma qualidade e costume dos outros encontrados (1.11.1492)⁴. (Cartas de Colombo *apud* Todorov, 1991, p. 45)

Colombo não distingue os povos encontrados como pertencentes a diferentes etnias basicamente porque, a seu ver, todos têm estaturas e corpos parecidos e porque todos andam desnudos e pintados, como destacado por Todorov (1991). Também por desconhecerem os idiomas falados pelos povos encontrados, os conquistadores europeus tendiam a julgar que se tratava de um mesmo idioma geral, ou, ainda, não consideravam que fosse um idioma realmente, conforme hipóteses expostas por Todorov (1991, p. 38). No plano praxiológico, representa a não legitimação ou não reconhecimento das individualidades do *outro*.

Colombo desconhece a diversidade das línguas, o que, frente a uma língua estrangeira, só deixa duas possibilidades de comportamento complementares: reconhecer que é uma língua, mas negar-se a crer que seja diferente ou, reconhecer sua diferença, mas negar-se a admitir que se trata de uma língua⁵ (TODOROV, 1991, p. 38).

Sobre o plano axiológico, onde julga-se se o *outro* é igual ou inferior, Todorov (1991) é bastante esclarecedor na análise a respeito do olhar do conquistador:

Como Colombo pode estar associado a esses dois mitos aparentemente contraditórios, aquele em que o outro é um “bom selvagem” (quando visto de longe) e aquele em que é um “pobre cachorro” escravo em potencial? É que os dois descansam em uma base comum, que é o desconhecimento dos índios, e a negação em admiti-los como um sujeito que tem os mesmos direitos, mas que é diferente⁶ (TODOROV, 1991, p. 57).

Todorov (1991) encerra tal questionamento com uma frase que, além de responder, de certa forma, à sua pergunta inicial, fala sobre o distanciamento que os conquistadores mantiveram ao observar as comunidades que aqui encontraram. Sem perceber que os indígenas

⁴ [La gente toda era una con los otros ya dichos, de las mismas condiciones, y así desnudos y de la misma estatura (17.10.1492). Vinieron muchos de esa gente, semejantes a los otros de las otras islas, así desnudos y así pintados (22.10.1492). Esta gente [...] es de la misma calidad y costumbre de los otros hallados (1.11.1492)].

⁵ [Colón desconoce pues la diversidad de las lenguas, lo cual, frente a una lengua extranjera, sólo le deja dos posibilidades de comportamiento complementarias: reconocer que es una lengua pero negarse a creer que sea diferente, o reconocer su diferencia pero negarse a admitir que se trate de una lengua].

⁶ [¿Cómo es que Colón puede estar asociado a esos dos mitos aparentemente contradictorios, aquel en que el otro es un “buen salvaje” (cuando se le ve de lejos) y aquel en que es un “pobre perro” esclavo en potencia? Y es que los dos descansan en una base común, que es el desconocimiento de los indios, y la negación a admitirlos como un sujeto que tiene los mismos derechos que uno mismo, pero diferente. Colón ha descubierto América, pero no a los americanos].

se dividiam em diversas etnias com idiomas e costumes bem distintos, “Colombo descobriu a América, mas não os americanos”⁷ (TODOROV, 1991, p. 57).

A tarefa de descobrir o *outro*, ainda de acordo com Todorov (1991), continua inconclusa. O autor conclui que talvez não haja como descobrir por completo quem é o nosso semelhante, mas que essa deve ser uma proposta de cada um, como um processo inacabado. Aprende-se com o que a história conta sobre o passado, mas, segundo o autor, há certa dificuldade em identificarmos se estamos agindo de forma muito distinta no presente, em comparação aos conquistadores, ou se estamos repetindo certas atitudes, apenas em circunstâncias distintas:

Porque o outro está por ser descoberto. [...] E como o descobrimento do outro tem vários graus, desde o outro como objeto, confundido com o mundo que o rodeia, até o outro como sujeito, igual ao *eu*, mas diferente do ele, com um infinito número de matizes intermediários, bem podemos passar a vida sem nunca terminarmos o descobrimento pleno do outro (supondo que se possa fazê-lo). Cada um de nós deve voltar a tentar, a seu tempo; as experiências anteriores não nos dispensam disso, mas podem nos ensinar quais são os efeitos do desconhecimento (Todorov, 1991, p. 257)⁸.

Considerando que a problemática do *outro*, exposta por Todorov (1991), não apresenta uma solução, mas indica que todo o desconhecimento do *outro* deve ser analisado a seu tempo, pretende-se verificar como aparecem os indígenas em notícias atuais. Há que se considerar também a importância do gênero notícia na sociedade atual, tema que será tratado a seguir.

⁷ [Colón ha descubierto América, pero no a los americanos].

⁸ [Porque el otro está por descubrir. [...] Y como el descubrimiento del otro tiene varios grados, desde el otro como objeto, confundido con el mundo que lo rodea, hasta el otro como sujeto, igual al *yo*, pero diferente de él, con un infinito número de matices intermedios, bien podemos pasar la vida sin terminar nunca el descubrimiento pleno del otro (suponiendo que se pueda dar). Cada uno de nosotros debe volverlo a iniciar a su vez; las experiencias anteriores no nos dispensan de ello, pero pueden enseñarnos cuáles son los efectos de desconocimiento].

4 A IMPORTÂNCIA DO GÊNERO NOTÍCIA

A norma ideal registrada na língua escrita, de acordo com Crystal (1987 *apud* Peruzzo, 2007) além de ser vista com mais prestígio por parte de seus falantes (que, por vezes, querem aproximar dela a norma real da língua falada), tende a permanecer por mais tempo no registro histórico dessa língua. Ainda de acordo com o autor, tal particularidade do registro escrito se deve à sua evidente facilidade de processamento, em comparação a gravações de áudio e vídeo. Peruzzo (2007, p. 58) cita os meios de comunicação, sejam eles impressos (jornais e revistas) ou orais (rádio e televisão) como exemplo de manutenção e alteração da língua falada e escrita. Contudo, por sua forma escrita, jornais e revistas tendem a permanecer ao alcance de diferentes gerações, o que os torna um bom objeto de análise histórica e linguística.

Dentre os gêneros jornalísticos usados em jornais e revistas, a notícia é o gênero que se compromete em relatar fatos recentes ou históricos. Conforme recomenda Vivaldi (1993, p. 29 *apud* Peruzzo, 2007, p. 80), a notícia deve apresentar, sobre um mesmo tema, relatos de diferentes fontes, em linguagem culta e acessível, o que permitiria manter sua objetividade, sendo esta, sua principal função sociocomunicativa:

Delimitamos como função sociocomunicativa da notícia: estabelecer a comunicação entre os membros da comunidade discursiva jornalística e leitores de jornais e revistas, através da divulgação de fatos e acontecimentos novos ou mais remotos (tanto no âmbito regional quanto nacional e mundial), informando a população sobre algo ou alguém; refletindo, assim, a ação social dos jornalistas que se refere ao compromisso ético e profissional de transmitir informações (SILVA, 2011, p. 6).

O jornal, desde a sua versão impressa até a *on-line*, tende a ser um comunicador mais popular e econômico, em comparação à revista. A modernização do jornal, ou seja, sua versão digital, permite um acesso ainda menos restrito que sua versão impressa; disponível a um maior público leitor. Além disso, possibilita o alcance permanente ao arquivo de suas notícias, conforme apontado por Squirra (1998 *apud* Baroni et alii, 2013, p. 7). A disponibilidade desses arquivos, além de beneficiar questões envolvendo a memória social da população em geral (Squirra, 1998 *apud* Baroni et alii, 2013, p. 7), facilita, consideravelmente, o trabalho de investigações diversas para fins acadêmicos que envolvam o gênero notícia.

O fato de a notícia ser reconhecida como um gênero jornalístico preocupado com a verdade e a objetividade, estar em um meio que tem se tornado cada vez mais acessível à população de seu respectivo país, o jornal *on-line*, e oferecer-se como um objeto de análise descomplicado sobretudo para a linguística de *corpus*, por já estar digitalizado, justificam a

escolha de tal gênero como núcleo desta análise. A acessibilidade ao arquivo de notícias, recentes ou não, já digitalizadas, também faz com que tal gênero seja adequado à metodologia que será utilizada e apresentada a seguir.

5 INDÍGENAS LATINO-AMERICANOS NA ATUALIDADE

A história dos primeiros contatos entre indígenas sul-americanos e europeus, tal como apresentada por Todorov (1991), contribui no entendimento das problemáticas vividas por esses povos desde o início da colonização até a atualidade. De acordo com o relatório *Os povos indígenas na América Latina*, apresentado pela Organização das Nações Unidas ([ONU], 2015, p. 16), nos últimos 30 anos, têm sido conquistados grandes avanços, em termos de direitos, pela força de resistência dos povos indígenas.

Conforme esse relatório, dois documentos marcam o início dessas conquistas: o *Convênio sobre Povos Indígenas e Tribais* (1989), adotado pela Organização Internacional do Trabalho, que teria reconhecido aos indígenas, pela primeira vez, seus direitos coletivos; e a *Declaração da ONU sobre os Direitos dos Povos Indígenas* (2007) que propõe o direito à livre determinação, ou seja, reconhece o governo interno de cada comunidade, assegurando-lhes, assim, os mesmos direitos da comunidade externa.

A ONU (2015, p. 41) apresenta uma visão otimista em relação ao crescimento populacional de indígenas latino-americanos, comparando os censos de 2000 e 2010 do Centro Latino-Americano e Caribenho de Demografia. De acordo com o relatório, o censo da Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL), publicado em 2007, havia estimado que, em 2000, viviam 30 milhões de indígenas em solo latino. Mais recente, o censo de 2010 atualiza esse número para 45 milhões, supondo um aumento de 49,3% em 10 anos.

Tabela 1 - População indígena de 17 países latino-americanos, em torno de 2010

Censos e estimativas

País e ano do censo	População Total	População indígena total	Porcentagem de população indígena
Resultados			
Argentina, 2010	40.117.096	955.032	2,4
Brasil, 2010	190.755.799	896.917	0,5
Chile, 2012	16.341.929	1.805.243	11,0
Costa Rica, 2011	4.301.712	104.143	2,4
Equador, 2010	14.483.499	1.018.176	7,0
México, 2010	112.336.538	16.933.283	15,1

Panamá, 2010	3.405.813	417.559	12,3
Paraguai, 2012	6.232.511	112.848	1,8
Uruguai, 2011	3.251.654	76.452	2,4
Venezuela, 2011	27.227.930	724.592	2,7
Estimativas 2010			
Bolívia	9.995.000	6.216.026	62,2
Colômbia	46.448.000	1.559.852	3,4
El Salvador	6.218.000	14.408	0,2
Guatemala	14.334.000	5.881.009	41,0
Honduras	7.619.000	536.541	7,0
Nicarágua	5.813.000	518.104	8,9
Peru	29.272.000	7.021.271	24,0
Total			
	538.153.481	44.791.456	8,3

Fonte: Centro Latino-Americano e Caribenho de Demografia (2010) *apud* ONU (2015, p. 41)

O quadro acima apresenta o índice populacional de indígenas em 17 países latino-americanos, segundo censos realizados entre 2010 e 2012. Apesar de possuírem um percentual populacional pequeno, quando comparados a países como México, Peru, Bolívia e Guatemala, o Brasil e o Paraguai são países bastante citados no documento da ONU.

O relatório menciona que, em suas zonas de fronteira, Brasil e Paraguai buscam informar e empoderar as mulheres indígenas, visando reduzir os números da violência doméstica contra elas: “na fronteira entre o Brasil e o Paraguai as mulheres e crianças indígenas foram habilitadas para registrar e denunciar os casos de violação de seus direitos, inclusive o tráfico” (ONU, 2015, p. 92).

No entanto, nem todos os dados são tão otimistas. Desde 2003, há um alerta sobre os altos índices de doenças mentais e suicídios entre crianças, adolescentes e jovens indígenas, sobretudo na Argentina, no Brasil, no Chile, na Colômbia, na Nicarágua, no Paraguai e na Venezuela. “A título ilustrativo, enquanto a população indígena representa 0,4% dos habitantes

do Brasil segundo o censo de 2010, os suicídios indígenas representaram 1% do total de suicídios do país no período 2008-2012” (ONU, 2015, p. 80).

Além dos pontos citados, o relatório das Nações Unidas trata de questões de grande importância na busca por igualdade social entre indígenas e não indígenas. O acesso a uma educação de qualidade, à saúde dentro das comunidades e à internet como meio de atualização e informação, são pontos a serem melhorados de acordo com a ONU (2015, 2015, p. 103). O relatório ainda aponta que a garantia de melhores condições de vida a esses povos passa por ações governamentais e pela participação da população em geral.

As constituições nacionais de ambos os países garantem a saúde e a educação como direitos básicos de toda a população. De acordo com o artigo sexto da Constituição Brasileira de 1988: “São direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o transporte, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição” (BRASIL, 1988).

Na Constituição Paraguuaia os artigos 68 e 73 tratam dos direitos à saúde e à educação, respectivamente: “O Estado protegerá e promoverá a saúde como direito fundamental da pessoa e no interesse da comunidade” [El Estado protegerá y promoverá la salud como derecho fundamental de la persona y en interés de la comunidad]. “ Toda pessoa tem direito à educação integral e permanente, que, como sistema e processo, se realiza no contexto da cultura da comunidade” [Toda persona tiene derecho a la educación integral y permanente, que como sistema y proceso se realiza en el contexto de la cultura de la comunidad] (PARAGUAY, 1992).

Ainda em relação ao ensino, no Paraguai, a Constituição prevê a instrução obrigatória de dois idiomas: guarani e espanhol. Este é, portanto, um país bilíngue.

O ensino no início do processo escolar se realizará na língua oficial materna do educando. Receberá instrução, também, no conhecimento e no uso de ambos os idiomas oficiais da República. No caso das minorias étnicas cuja língua materna não seja o guarani, poderão eleger um dos idiomas oficiais⁹ (PARAGUAY, 1992, art. 77).

Sabendo que as palavras podem refletir parte do pensamento de um grande grupo de falantes, conforme defende Humboldt, é importante observar quais palavras costumamos ler em notícias que tratam sobre os povos indígenas. E, tão significativo quanto observar as palavras usadas nas notícias brasileiras, é poder compará-las com as palavras usadas em um

⁹ [La enseñanza en los comienzos del proceso escolar se realizará en la lengua oficial materna del educando. Se instruirá asimismo en el conocimiento y en el empleo de ambos idiomas oficiales de la República. En el caso de las minorías étnicas cuya lengua materna no sea el guaraní, se podrá elegir uno de los dos idiomas oficiales].

país vizinho que, tal como o Paraguai, oferece condições similares de vida a esses povos, mas que, além disso, apresenta diferenças marcantes, como o fato de possuir, dentre os idiomas oficiais, um idioma de origem indígena.

6 METODOLOGIA

A fim de alcançar o objetivo deste trabalho, que é o de analisar as palavras usadas em notícias que se referem aos povos indígenas no Brasil e no Paraguai, se usará da Linguística de Corpus como metodologia. Conforme definição de Sardinha (2000):

A Linguística de Corpus ocupa-se da coleta e exploração de corpora, ou conjuntos de dados lingüísticos textuais que foram coletados criteriosamente com o propósito de servirem para a pesquisa de uma língua ou variedade lingüística. Como tal, dedica-se à exploração da linguagem através de evidências empíricas, extraídas por meio de computador (BERBER SARDINHA, 2000, p. 325).

As notícias a serem analisadas foram coletadas dos dois portais *on-line* mais acessados no Brasil e no Paraguai: G1 e UOL, ABC Color e Última Hora, respectivamente. O medidor de acesso utilizado para concluir que esses jornais fariam parte do estudo foi o *Alexa*, do grupo Amazon. Essa ferramenta contabiliza os acessos a páginas *web* de cada país, no mundo inteiro.

Em maio de 2018, tal ferramenta indicava os portais de notícias já citados como os mais acessados no Brasil e no Paraguai. Optou-se por realizar a busca de notícias com auxílio das ferramentas de pesquisa do *Google* porque alguns dos buscadores de arquivo dos jornais não estavam em pleno funcionamento. Após diferentes testes de busca, a forma que se apresenta a seguir foi a melhor opção encontrada para filtrar um maior número de notícias.

Colocou-se as palavras “indígena OU indígenas OU índio OU índios” na barra de pesquisa; no botão “ferramentas”, foi selecionada a opção “período personalizado” e colocado o ano de pesquisa. Exemplo: 01/01/2016 a 31/12/2016; “todos os resultados”. No botão “preferências”, foi selecionada a opção “ferramentas avançadas”, onde se colocou em “domínio ou site” o endereço dos portais de interesse, individualmente, ou seja, para cada portal foi realizada a mesma operação de forma exclusiva. Tendo informado o domínio, não foi necessário selecionar idioma ou região.

Entre as opções de pesquisa do *Google*, foi selecionada a guia “notícias”, para que somente textos desse gênero fossem filtrados. A partir dos resultados encontrados com essa pesquisa, realizou-se a leitura de cada notícia para verificar se o texto de fato se referia a um ou mais povo(s) indígena(s) e se tal povo pertencia ao país de origem da notícia. A fim de aproximar a análise dos países em questão, não foram consideradas notícias de um país falando sobre indígenas de outro país, somente as que falavam sobre os povos de seu próprio território nacional. Tampouco foram consideradas notícias que apenas citavam alguma das palavras pesquisadas e não tinham povos indígenas como tema.

Foi possível compilar um total de 400 notícias, sendo 193 dessas brasileiras e 207 paraguaias. As brasileiras somam 48.740 *tokens* (total de palavras, incluindo as repetições) e 9.659 *types* (cada item ou palavra, sem considerar as repetições). Já as notícias paraguaias totalizam 33.465 *tokens* e 9.122 *types*. Apesar de ser um *corpus* bastante pequeno, acredita-se que cumpre o propósito de uma breve análise da representação indígena nos jornais porque contém uma variação de notícias e fontes de informações, já que foram coletadas de mais de um portal nos dois países.

Os arquivos com notícias foram organizados em pastas por país de origem e ano de publicação. Cada um recebeu como nome a sigla do país de origem e a data de publicação na ordem AAAA/MM/DD. Assim, uma notícia publicada em dezenove de abril de 2017 no Brasil, por exemplo, tem como nome de arquivo o código “BR20170419”. Se para o mesmo dia foram encontradas outras notícias referentes aos povos do mesmo país, acresceu-se a informação entre parêntesis, por exemplo: “BR20170419(2)”, “BR20170419(3)”.

Realizada a compilação e limpeza dos textos, ou seja, a retirada de informações desnecessárias para o estudo, tais como datas e nomes dos jornalistas, os textos foram convertidos à extensão *.txt* para que fosse possível fazer o *upload* destes à plataforma do programa AntConc. De acordo com definição de Kader e Richter (2013:13), o AntConc “é um concordanciador utilizado para listar as ocorrências de uma determinada palavra ou frase em uma quantidade definida de contextos”. Em outras palavras, é um programa que facilita a extração de informação linguística de textos já digitalizados.

A partir da lista de palavras gerada pelo programa, é possível observar as palavras mais frequentes na ordem do maior ao menor número de aparições, confirmar que o *corpus* contém um tema específico e possibilitar a realização de uma análise dos termos mais encontrados. Ainda a partir da lista de palavras, é possível conferir as semelhanças e as grandes diferenças entre as notícias brasileiras e paraguaias quando se referem aos povos indígenas.

Apesar de, na composição do *corpus*, as notícias estarem em número muito parecido entre os dois países, o número de palavras em português supera o número de palavras em espanhol. Isso ocorre porque as notícias publicadas nos jornais paraguaios tendem a ser mais curtas do que as de jornais brasileiros. Como a pesquisa está demarcada por ano e todas as notícias cabíveis dentro do tema foram coletadas, considera-se que, apesar da diferença em números, essa é a forma mais equânime de realizar a análise. Ainda assim, percebe-se um certo equilíbrio na aparição de palavras mais frequentes, com algumas diferenças específicas, conforme se apresentará a seguir.

7 ANÁLISE

De acordo com os postulados de Humboldt (*apud* HEIDERMANN; WEININGER 2006, p. 3), as individualidades de um falante sucumbem e prevalece o modo geral de um grupo ou comunidade, ou seja, a visão de mundo é compartilhada entre receptores e emissor, de modo que este último sabe que será compreendido. Considerando a linguagem jornalística, em que a clareza tem papel fundamental para que o texto seja escrito de forma a ser entendido por leitores muito ou pouco letrados, mais ou menos eruditos, especialistas ou leigos (Vivaldi, 1993:29 *apud* Peruzzo, 2007:80), se reconhece que há um estilo bastante específico a ser seguido pelo jornalista.

Sendo assim, pode-se dizer que as palavras que aparecem em notícias, por exemplo, representam, de certo modo, a forma como as pessoas daquele país entendem determinado tema. Pode-se presumir isso justamente por se tratar de um gênero que deve ser de fácil entendimento para a maioria de seus leitores. Para que isso seja possível, há de se utilizar termos que sejam de uso comum.

Abaixo, pode-se observar as 15 palavras mais citadas em notícias brasileiras e paraguaias dentre as notícias compiladas e, entre parênteses, seu número de repetições. Esta tabela representa o total de *tokens*. Nela estão listadas as palavras tal como aparecem no resultado gerado pelo AntConc: em ordem decrescente, determinada pelo número de aparições do maior ao menor.

Tabela 2 - *Tokens* - ordem decrescente.

	Brasil - 48.740 <i>tokens</i>	Paraguai - 33.465 <i>tokens</i>
1	<i>indígenas</i> (836)	<i>indígenas</i> (475)
2	<i>indígena</i> (588)	<i>indígena</i> (306)
3	<i>índios</i> (578)	<i>comunidad</i> (276)
4	<i>funai</i> (324)	<i>comunidades</i> (142)
5	<i>federal</i> (291)	<i>nativos</i> (141)
6	<i>polícia</i> (253)	<i>guaraní</i> (135)
7	<i>terra</i> (236)	<i>nacional</i> (130)
8	<i>índio</i> (228)	<i>tierras</i> (120)
9	<i>região</i> (214)	<i>pueblos</i> (117)

10	<i>área</i> (213)	<i>zona</i> (108)
11	<i>estado</i> (203)	<i>indi</i> (106)
12	<i>terras</i> (198)	<i>lugar</i> (104)
13	<i>aldeia</i> (193)	<i>país</i> (98)
14	<i>povos</i> (176)	<i>chaco</i> (96)
15	<i>nacional</i> (174)	<i>situación</i> (87)

Criada pela autora a partir do resultado mostrado pelo AntConc.

A partir da tabela acima, construiu-se o quadro de *types*, exposto abaixo, ignorando variantes como plural e singular. Esta tabela seguirá a mesma ordem decrescente da anterior e, dela, sairão os números e termos da análise:

Tabela 3 - Types - ordem decrescente.

	Brasil - 9.659 <i>types</i>	Paraguai - 9.122 <i>types</i>
1	<i>indígena(s)</i> (1.424)	<i>indígena(s)</i> (781)
2	<i>índio(s)</i> (806)	<i>comunidad(es)</i> (418)
3	<i>terra(s)</i> (434)	<i>tierra(s)</i> (198)
4	<i>funai</i> (324)	<i>pueblo(s)</i> (186)
5	<i>aldeia(s)</i> (312)	<i>nativo(s)</i> (160)
6	<i>federal/federais</i> (307)	<i>nacional(es)</i> (139)
7	<i>área(s)</i> (287)	<i>guarani</i> (135)
8	<i>polícia(s)</i> (254)	<i>zona(s)</i> (124)
9	<i>região/regiões</i> (225)	<i>indi</i> (106)
10	<i>estado(s)</i> (213)	<i>lugar</i> (104)

Criada pela autora a partir do resultado mostrado pelo AntConc.

No caso do Brasil, especificamente, logo se identifica que *índio(s)* aparece como sinônimo de *indígena(s)* nas notícias; por isso, é a segunda palavra mais recorrente no *corpus* em língua portuguesa. Exemplos de uso em notícias: *Índios de MT com carência nutricional devem receber 2,1 mil cestas básicas* (BR20161229); *Confronto entre índios e polícia no Congresso tem mais de 50 flechas apreendidas* (BR20170425(2)). Por um lado, isso se justifica

porque a Constituição Federal de 1988 utiliza ambos os termos para referir-se aos indígenas, tal como no capítulo VIII, intitulado “Dos índios”, onde estão previstos os seus direitos (BRASIL, 1988). Por outro lado, se deve, também, ao fato de que a FUNAI (Fundação Nacional do Índio), órgão indigenista oficial do Estado brasileiro, ostenta o termo em seu nome.

Diferentemente, no Paraguai, conforme observado durante a fase de coleta dos textos, *indio* só aparece em notícias que se referem a algo ou alguém da Índia, conforme ilustrado no exemplo retirado do portal *Última Hora* em um texto de fevereiro de 2016: *Gobierno regional indio bloquea Internet para evitar que se copie en exámenes*. Por essa razão, não há nenhum registro dessa palavra no *corpus* paraguaio.

Como sinônimo de *indígenas*, naquele país, costuma-se utilizar a palavra *nativos* além de citar a etnia específica referida na notícia, como *aché* e *guaraní*, tal como nos casos que se apresentam grifados: *Ernesto Vera, de la comunidad Ava Guaraní* [...] (PY20160414); *Cinco nativos pertenecientes al pueblo Avá Guaraní* [...] (PY20160416); *Los aché denuncian que el diputado José “Pakova” Ledesma respalda a usurpadores de las tierras privadas que pertenecen a su comunidad, en Canindeyú* (PY20160310).

Além disso, a palavra *indígena(s)* costuma ser precedida por *pueblo(s)*, especialmente quando se refere a variedade cultural: *El pintor subrayó que el reconocimiento de las actividades culturales y costumbres indígenas es una parte del derecho de esos pueblos a su soberanía y a ser dueños de su tierra* (PY20160803); *Pueblos indígenas se unen para formar partido político* (PY20170730(2)); [...] *se debe principalmente a la victimización de los pueblos originarios en sus tierras ancestrales y explica el desalojo violento que sufrieron* [...] (PY20171212).

Para tratar do(s) espaço(s) onde vive(m) determinada(s) etnia(s), a evidência empírica mostra que as notícias brasileiras costumam usar o termo *aldeia(s)*: [...] *durante visitas à aldeia, a manifestação cultural passou a ser reanalizada* [...] (BR20170428); [...] *emitiu nota esclarecendo que negocia com os líderes indígenas com o intuito de liberar as máquinas e atender às demandas da aldeia* (BR20160212). Nessas situações, se utiliza a palavra *comunidad(es)* em notícias paraguaias: *Caciques de otras comunidades también llevaron sus pedidos* [...] (PY20160130); [...] *unidad indígena afectada por fumigación de sojales en Curuguaty* (PY20170808(2)).

Essa diferença se destaca, especialmente, porque a palavra *comunidade*, também existente na língua portuguesa e é frequentemente usada para referir-se aos bairros com alto índice populacional e/ou geograficamente afastados dos grandes centros, como as periferias, mas não costuma ser usada quando a notícia se refere a povos indígenas. O exemplo a seguir

foi retirado do portal *GI* e data de setembro de 2017: *Equipes do Baep realizam operação em comunidades de Santos e São Vicente.*

Um termo que chama atenção, na lista em português, pelo volumoso número de aparições é *policia(s)*. Como se pode ver nos exemplos, há uma tendência de que essas notícias possuam conteúdo relacionado à violência: *A Polícia Federal (PF) investiga a morte do indígena.* (BR20160708); *De acordo com a Polícia Civil, três índios, da etnia Rikbaktsa, estavam em uma motocicleta que foi atingida pelo caminhão* (BR20170614); *A Polícia Civil disse que o funcionário da Funai e os quatro indígenas foram presos com três armas, localizadas dentro de um carro.* (BR20170511).

Em comparação, *policia* sequer aparece entre as 50 palavras mais mencionadas nas notícias em espanhol, ainda que, mesmo em menor número, também apareçam em descrições de situações violentas, tal como no Brasil: *El joven está sindicado por la Policía como el autor del crimen de dos miembros de la comunidad indígena.* (PY20160703); *El supuesto autor iba detrás de ella, cuando vio a la Policía, el hombre también indígena, huyó.* (PY20171205); *Además, la policía indicó que entre el grupo de atacantes se encontraba el anterior cacique de la comunidad [...]* (PY20170508).

O grande número de aparições da palavra *terra(s) / tierra(s)* nos dois países se deve ao fato de que em ambos a problemática das delimitações de terras indígenas é um tema muito presente. *Varios son los pueblos indígenas que se enfrentan a problemas, como la comunidad Yakye Axa que no podía asentarse en sus tierras [...].* (PY20160224); *Uno de los caciques, Eliseo Rivas, comentó que decidieron ocupar las tierras porque alguna vez pertenecieron a sus ancestros, por lo que, según él, les “corresponde”* (PY20171009); *Com a indicação positiva, são necessárias duas portarias: a que delimita a terra, a cargo da Funai; e a que declara a terra, do Ministério da Justiça* (BR20170419(2)); *Índios guarani-kaiowá entraram na fazenda no último domingo - eles reivindicam a área como terra tradicional indígena* (BR20160615).

Nos dois países, há órgãos nacionais responsáveis pelos direitos indígenas, que respondem por todos os povos juridicamente. O Instituto Paraguayo del Indígena (INDI) e a Fundação Nacional do Índio (FUNAI) têm suas siglas entre as palavras mais citadas por serem os representantes legais, citados e entrevistados em muitos dos casos: *De acordo com a Funai, a floresta é o habitat de quatro povos indígenas reconhecidos e ainda possui cerca de três grupos de índios isolados que também vivem na área verde* (BR20170217); *Ante ola de frío, INDI habilita albergue para indígenas* (PY20160427).

Os termos *federal* e *nacional* aparecem relacionados a instituições, órgãos e documentos públicos dos dois países, tais como Congresso, Polícia, Governo, Secretaria, Instituto,

Constituição, programas e planos. E, por último, dentre os 10 termos mais citados nas notícias, aparecem os relacionados ao espaço em que acontecem os fatos: *área(s), região(ões), estado(s), zona(s) e lugar*.

Há ainda dois temas bastante presentes nos países em análise e tão importantes para os povos indígenas quanto as questões territoriais e de moradia: *saúde e educação / salud e educación* aparecem nos *corpora* ainda entre as 40 palavras mais citadas. Tratam-se de dois direitos básicos, garantidos pelas duas constituições a toda a população, conforme apontado no capítulo 5 deste trabalho, mas que, ainda assim, são motivo de preocupação e protestos por parte dos povos indígenas.

As notícias relacionadas à saúde geralmente contam com depoimentos de indígenas ou de órgãos indigenistas que realizam denúncias e reclamações sobre a qualidade do serviço prestado ou mesmo a ausência de tal assistência básica: *Indígenas alegam que portaria pode resultar em precarização da saúde* (BR20161026); *Apesar dos problemas, o ministério afirmou que a assistência à saúde prestada à população indígena tem registrado avanços nos últimos anos* (BR20160923); *Expresó que la situación actual de las 18 familias es totalmente incierta y que la salud de varios de sus integrantes se deterioró a causa del intenso calor y las deplorables condiciones en que se encuentran* (PY20171219); *Exigen a las autoridades una solución a la falta de energía eléctrica, educación, salud y caminos de acceso a las comunidades* (PY20170320).

Em relação à educação, também há muitos textos registrando reclamações: *Os últimos dados do Censo Escolar de 2015, do Ministério da Educação (MEC), mostram que pouco mais da metade, 53,5%, das escolas indígenas têm material didático específico para o grupo étnico* (BR20160427); *Índios ocupam secretaria e pedem melhorias para educação* (BR20170208); *En ese marco, la ministra de Educación y una comitiva visitaron cada uno de los poblados, recibieron los pedidos y escucharon reclamos de los pobladores* (PY20160130); *Una mesa interinstitucional conformada para reactivar la escolaridad en varias comunidades ayoreas instó a sus líderes a apoyar la educación* (PY20171214(2)).

8 CONCLUSÕES

A partir do que foi ilustrado pelo quadro de *types* e pelos exemplos citados na análise, pode-se constatar que o Brasil e o Paraguai apresentam semelhanças quanto aos temas, problemáticas e ambientes vividos pelos povos indígenas. As maiores diferenças, no entanto, estão na forma de referir-se a esses povos ao longo do texto que os menciona. Pode-se retomar o que foi exposto no capítulo sobre a Hipótese do Relativismo Linguístico, que apresentam uma possível explicação para as diferenças observadas.

A hipótese de Sapir (1929:214 *apud* Molina Martínez, 2006:21), sobre não haver línguas tão semelhantes a ponto de ilustrarem uma mesma realidade, nos auxilia no entendimento das diferenças lexicais. Um fato que exemplifica isso é a imprensa brasileira optar por chamar *aldeia* o que a imprensa paraguaia chama de *comunidad*. Como visto na análise, ainda que também haja a possibilidade de se usar a palavra *comunidade* na língua portuguesa, quando se refere a indígenas, há uma tendência a usar-se *aldeia*, nesse idioma.

Sobre o uso da palavra *índio*, em notícias brasileiras, como sinônimo de indígena, linguistas como D'Angelis (2017), têm se aprofundado na questão apresentada por Todorov (1991) de que *índio* foi o nome dado pelos conquistadores espanhóis, que imaginavam estar nas Índias e, portanto, não deveria ser sinônimo de *indígena* que, do latim *inde + gena*, significa *originário do lugar*. O termo *índio*, ainda de acordo com D'Angelis, teria sido adotado do espanhol, a título de empréstimo, pelos portugueses que chegaram ao Brasil, já que, em nosso idioma, *indiano* seria a nacionalidade daquele que nasce na Índia (D'ANGELIS, 2017). O dicionário o verbete *índio* é acompanhado da seguinte definição:

ÍNDIO, s.m. nome que se aplica normalmente aos aborígenes da América, o que os confunde com os naturais das Índias Orientais. É um erro etnográfico que se cometeu desde a descoberta da América, pela crença em que ficara Colombo de ter chegado à Índia. Modernamente têm sido propostos diferentes nomes para distinguir os aborígenes americanos dos asiáticos, mas parece que a esse respeito nada se tem resolvido [...] (BEAUREPAIRE-ROHAN, 1889, p. 131).

Na afirmação de Todorov (1991), os espanhóis “descobriram a América, mas não os americanos”. E, de certo modo, manter o uso de uma palavra que em sua origem ignora as peculiaridades de cada etnia indígena, mantém os sinais do desconhecimento desse *outro*, como se ele fizesse parte de um todo igual e essa fosse sua nacionalidade.

A observação das definições de cada palavra, passa pela ideia de “trocar as lentes” pelas quais se vê o mundo. A ausência de notícias paraguaias que utilizem a palavra *índio* como

sinônimo de *indígena*, considerando que essa é uma palavra de origem hispânica, não deveria, especialmente nesse caso, ser vista como uma coincidência; principalmente se consideramos a presença cotidiana do idioma guarani na vida de seus falantes, principais receptores dessas notícias, e retomamos a ideia de as palavras usadas pelos seus falantes serem representativas da forma de pensar dos mesmos (BUGUEÑO MIRANDA, 2000, p.105).

Como apresentado nas partes iniciais deste trabalho, partiu-se da hipótese de que o olhar dos paraguaios sobre os povos indígenas poderia ser diferente do olhar apresentado pelos brasileiros em razão de haver naquele país um idioma indígena como oficial, ou seja, aquele grupo de falantes têm a possibilidade de trocar as lentes pelas quais enxergam o mundo. Esse idioma, o guarani, é ensinado em todas as escolas a fim de que os paraguaios tenham acesso e entendimento equivalente das duas línguas: guarani e espanhol. Isso permite o acesso a duas visões de mundo, retomando a teoria de Humboldt. Daí pode-se intuir que haja, por parte de não indígenas paraguaios, maior afinidade para com os indígenas do mesmo país, não apenas da etnia guarani, mas de todas as etnias, considerando sobretudo os resultados apresentados nas notícias.

Finalmente, destaca-se a confirmação da hipótese inicial sobre a importância de uma representação idiomática para as conquistas desses povos minorizados. Percebe-se o passo à frente dado pela população e pelo governo paraguaio quando previu, em 1992, seja por sua história ou consideração à população falante de guarani, o ensino e registro de um idioma originalmente indígena, como idioma de sua nação, oferecendo, assim, a ampliação dos horizontes no que chamamos visão de mundo.

REFERÊNCIAS

ALEXA: ferramenta utilizada para medir sites mais acessados em cada país. Disponível em: <<https://www.alexa.com/topsites/countries>>. Acesso em: maio de 2018.

BARONI, Daniela; ROSA, Teresa Ratti de Oliveira; MANSUR, Rosana; BACELAR, Roberta Baldo. “O gênero textual notícia: do jornal impresso ao on-line”. In: Encontro Nacional De História Da Mídia, 9, 2013, UFOP. *Anais do Encontro Nacional de História da Mídia*. GT História da Mídia Digital. Ouro Preto, Minas Gerais, 2013. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/9o-encontro-2013/artigos/gt-historia-da-midia-digital>>. Acesso em: abril 2018.

BEAUREPAIRE-ROHAN, Henrique. *Dicionário de vocábulos brasileiros*. 2º ed. Bahia: Progresso Editora, 1956.

BRASIL. Constituição (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/consti/1988/constituicao-1988-5-outubro-1988-322142-publicacaooriginal-1-pl.html>> Acesso em: novembro de 2018.

BUGUEÑO MIRANDA, Félix. ¿Cuán sexista puede ser realmente el lenguaje?. In: *Artexto: Revista do Departamento de Letras e Artes* - v. 11 - 99-115 p. Rio Grande: Editora da FURG, 2000.

CORONADO AGUILAR, Jurandir. *Conquista espiritual: A história da evangelização na Província Guaira na obra de Antônio Ruiz de Montoya*, p. 9-13. Roma, 2002. Disponível em: <<https://goo.gl/fVte3V>>. Acesso em: julho de 2018.

D'ANGELIS, Wilmar R. *No Brasil ainda tem “índio”*. 2017. Disponível em: <<http://kamuri.org.br/kamuri/no-brasil-ainda-tem-indio/>>. Acesso em: novembro de 2018.

HEIDERMANN, W; WEININGER, J.M. (orgs). *Wilhelm von Humboldt. Linguagem, Literatura, Bildung*. Florianópolis: UFSC, 2006. (Edição Bilingue).

KADER, Cárta Callegaro Corrêa; RICHTER, Marcos Gustavo. *Linguística de Corpus: Possibilidades e avanços*. In: Revista Instrumento - Revista de Estudo e Pesquisa em Educação. Juiz de Fora, v. 15, n. 1, jan./jun. 2013. Disponível em: <<https://instrumento.ufjf.emnuvens.com.br/revistainstrumento/issue/view/237/showToc>>. Acesso em: novembro de 2018.

MOLINA MARTÍNEZ, Lucía. *El otoño del pingüino: Análisis descriptivo de la traducción de los culturemas*. Publicaciones de la Universitat Jaume I, 2006, p.21-24. Disponível em: <<https://goo.gl/PgcuUg>>. Acesso em: outubro de 2018.

ONU, Organização das Nações Unidas. *Os Povos Indígenas na América Latina: Avanços na última década e desafios pendentes para a garantia de seus direitos*, 2015. Disponível em: <<https://repositorio.cepal.org/handle/11362/37773>>. Acesso em: novembro de 2018.

PARAGUAY. Constitución (1992). *Constitución de la República de Paraguay*. Disponível em: <<http://jme.gov.py/transito/leyes/1992.html>>. Acesso em: novembro de 2018.

PINKER, Steven. *O instinto da linguagem: Como a mente cria a linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

RODRIGUES, Padre Pedro. *Vida do Padre José de Anchieta*. Typographia Leuzinger, RJ. 1897. Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/402630/per402630_1897_00019.pdf>. Acesso em: agosto de 2018.

SARDINHA, Tony Berber. *Linguística de Corpus: Histórico e Problemática*. In: DELTA, Vol. 16, N.º 2, 2000, p. 323-367. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/26361085_Linguistica_de_Corpus_historico_e_pr oblematica>. Acesso em: novembro de 2018.

SILVA, Pollyanna Honorata. *Os gêneros jornalísticos e a notícia*. In: Simpósio Internacional de Letras e Linguística. *Anais do SILEL*. Volume 2, Número 2. Uberlândia: EDUFU, 2011. Disponível em: <http://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/pt/edicao_volume_2_numero_2.php>. Acesso em: novembro de 2018.

TODOROV, Tzvetan. *La conquista de América: el problema del otro*. Naucalpan de Juárez: National print, 1991.

WERNER, O. Sapir-Whorf Hypothesis. In: Lamarque, Peter V. (Ed.) *Concise Encyclopedia of Philosophy of Language*. Oxford/New York/Tokyo: Pergamon, 1997, p. 76-83. Disponível em: <<https://goo.gl/NLo4kh>>. Acesso em: setembro de 2017.